

por Carminda Mendes André³³

Resumo: O ensaio relata experiências poéticas urbanas entre estudantes de teatro e transeuntes que circulam no entorno do bairro da Barra Funda, na cidade de São Paulo. Relata e reflete sobre as possíveis relações da história do bairro encontrada nas ruas, as formas artísticas híbridas e o ato político dessa atividade.

Palavras-chave: pedagogia, arte urbana, performatividade.

Abstract: This essay is an account of experiences that happened between urban poetic drama students and pedestrians moving around in the Barra Funda, in the city of São Paulo. Reports and also reflects on the possible relationship of the history of the neighborhood found in the streets, hybrid artistic forms and political sense of this activity.

Keywords: pedagogy, urban art, performativity.

123

Introdução

Fiquei sem o terreiro da escola/ Já não posso mais sambar./

Sambista sem o Largo da Banana/ A Barra Funda vai parar./

Surgiu um viaduto, é progresso/ Eu não posso protestar/

Adeus, berço do samba/ Eu vou-me embora, vou sambar
noutro lugar.

Vou sambar noutro lugar. Geraldo Filme.

Se experiência pode ser compreendida como padecimento de algo,

³³ Doutora em Educação, pesquisadora do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IA-Unesp), ministra aulas na disciplina Jogos e Teatro e Educação, no curso de Licenciatura Arte – Teatro, na Unesp.

como nos ensina o filósofo da educação John Dewey, ou como *aceitação do trágico vivencial*, como nos ensinam o ensaísta Michel de Montaigne e a professora Luiza Christov, ou como *algo que nos atravessa* e que caminha em *passos lentos*, como nos ensina o educador Jorge Larrosa Bondia, ou ainda como algo que pode nos *fazer perder* o próprio projeto original da pesquisa, como nos ensina a antropóloga Jeanne Favret-Saada, a *arte na rua*, praticada com licenciandos, pode vir a ser um modo de fazer da arte *experiência educativa e estética*. Para formadores de futuros professores de teatro, a *performance art*, em sua face urbana, pode funcionar como *mediadora de encontros poéticos e afetivos entre artistas não profissionais e a cidade*. Afetos bons e desagradáveis.

Objetivos

O que interessa performar com os estudantes nas saídas às ruas é o que alguns filósofos contemporâneos têm nomeado “sociedade do controle”. Não é preciso muita teoria para compreender isso. É só propor uma ação performativa dentro do metrô Barra Funda que logo o criador será impedido de continuar, seja pelos seguranças do metrô, pela guarda metropolitana ou polícia civil. Todos estão legitimados pelo poder público para impedir a criação. O “controle” também pode ser percebido pelas filmadoras, pelos radares de velocidade, pelo revólver do policial, pelas roupas da moda que fabricam corpos quase idênticos, cabelos quase idênticos, maquiagem quase idêntica, modo de mexer no cabelo quase idêntico, modo de andar e falar com as mãos, tudo quase idêntico aos modos dos atores e das atrizes das novelas de televisão. Não precisa abrir nenhum livro para aprender tais coisas, apenas observe os usuários do metrô Barra Funda ou de outro lugar público. Ou então, observe, principalmente nos *shopping centers*, o andar da maioria das mocinhas ou mulheres já maduras lembrando o mesmo andar das modelos cadavéricas das passarelas; ou o andar dos mocinhos ou jovens adultos imitando policiais de filmes enlatados norte-americanos. O corpo como simulacro; o modo de mexer a cabeça como simulacro; o corpo deformado para simular o que não foi vocacionado a ser. As filas, o fluxo de pedestres à direita vai, à esquerda vem, simulando uma rua de mão dupla são sinais que nos remetem a corpos-máquinas.

No entanto, muitos têm se perguntado: somos corpos obedientes apenas? Se não somos só obediência, como podemos performar seu escape, sua indisciplina, sua insurgência? Ou seja, como podemos subjetivar,

inventar outras maneiras possíveis para nossos corpos, por meio de formas artísticas? Ao tentar responder a essa questão, temos encontrado a seguinte situação: não é possível subjetivar outros possíveis de nós mesmos sem o olhar do outro, do diferente de nós, do estrangeiro para nós. O aprender sobre si – a tal da consciência de si – se faz com o outro. Nesse sentido, na posição de professora, a rua torna-se a sala de aula.

Desde que viemos para a Barra Funda (2009), tenho estudado o bairro com pequenas intervenções poéticas realizadas com estudantes do curso de Jogos. Descobri nessas pequenas andanças que o local sofre uma violenta transformação a partir de um plano de “revitalização da Barra Funda de Baixo”, que vem sendo implantado desde o final da década de 1980. Interesse-me por saber como o capitalismo trata o imaterial nesses lugares (a cultura local, os sujeitos). Descubro que a construção do terminal de metrô e o Memorial da América Latina formam uma das primeiras intervenções urbanísticas dentro desse planejamento municipal. E, certamente, nossa presença aqui só foi possível graças a esse “plano”. Agora a região é um verdadeiro canteiro de obras faraônicas, compostas de construções suntuosas.

Nessa situação, pergunto: quem somos nós, na Barra Funda, para os que aqui já estavam?

Metodologia de ensino

Junto com os estudantes, vamos às ruas buscando sinais dessa história local. Não incentivo que saiamos como sujeitos de conhecimento que lançam seu “olhar inteligente” para seu objeto que aparentemente se dá, generosamente, a ser conhecido. Queremos “conversar” com o bairro de outra maneira. Durante esses poucos anos de caminhadas, tomamos consciência de que somos estrangeiros na Barra Funda, assim como somos estrangeiros da rua de nossa própria cidade. E nos perguntamos: será que não olhamos os que passam também como estranhos?

Estamos à procura de inventar modos de mediação em que seja possível a realização de afetações entre nós e os usuários do bairro ou da rua sem desconsiderar nossas mútuas diferenças.

Observamos que a arte na rua tem funcionado como mediadora de encontros poéticos entre nós e transeuntes. Isso tem facilitado o conhecimento sobre o entorno fora da versão oficial. Com a arte, tentamos elaborar possíveis trocas culturais, experiências que possam provocar afetos

desestruturantes; momentos que coloquem em risco o que pensamos de nós mesmos, pois talvez seja nesse momento que possamos escapar do corpo disciplinado que reina em nós e performar outros possíveis de nós mesmos. No susto. No risco. No imediato da relação estabelecida com o outro.

A primeira incursão que realizamos nos arredores da Unesp foi em 2010 com o artista Duda Mendonça. Ali “reperformamos” a obra *Manifesto do pijama* criada por ele na cidade de Nova Iorque. O pijama é uma metáfora de crítica a todo tipo de dormência e uniformização mental representadas pelos próprios uniformes de trabalho, principalmente o terno e a gravata. Em sala de aula, inventamos figuras (alguns desenvolveram personagens também) cujo figurino deveria ser roupas de dormir. Naquele ano, realizamos ações performáticas com nossos pijamas na visita à Bienal e ao Museu da América Latina. No Memorial, o que nos chamou a atenção foi o contraste de nosso entusiasmo com a aridez do lugar (enormes distâncias cimentadas e vazias). Isso fez pensar que alguma coisa estava equivocada por ali. Chegamos a ser avisados de que não era permitido realizar nenhum tipo de ação artística, nem mesmo filmar ou fotografar sem a prévia autorização da direção. Coisa que discutimos e nos posicionamos por não pedir licença para poetizar em um espaço que se propõe a ser uma casa de cultura. Particularmente, eu gostaria de sentir na pele o que uma insurgência ativista pode provocar. Sabíamos que daí sairia algum tipo de violência, próprio de uma sociedade construída a partir de dispositivos disciplinares com a finalidade de castrar laços afetivos (pois é preciso ser impessoal e não se sentir em casa nesses lugares).

Para a realização da ação no Memorial, aprimoramos o que já havíamos começado em sala de aula: a criação de um coral de música espontânea. Esse coral foi inspirado no trabalho pedagógico do músico e arte-educador Stenio Mendes, que nos ensinou sinais simples de regência (cada sinal representa um tipo de sonoridade) e, com exercícios de iniciação à música corporal, pudemos chegar a um coral amador quase afinado. Antes, porém, já havíamos testado o tal coral no prédio do Tribunal Regional do Trabalho, mais conhecido como o prédio do “Lalau” (ex-juiz Nicolau dos Santos Neto que escandalizou o Brasil com o volume de dinheiro que desviou para sua conta bancária).

Depois de um reconhecimento do percurso até o Museu da América Latina, em dia e hora marcados, atravessamos o metrô e entramos pelo portão da frente do Memorial. Nosso ponto final era o mapa da América do Sul que tem dentro do museu dos povos sul-americanos.

Dentro do Museu, naquele dia, havia uma visitação de escolas e dois monitores (talvez contratados pelo Memorial). Não sabíamos disso, foi fruto do acaso. Mesmo com a proibição da ação, sem pedir autorização alguma, fizemos o percurso escondendo as filmadoras e os celulares e terminamos nossa ação no ponto previsto. Ali regi o coral de música espontânea conforme o nosso programa. Ao entrar no recinto, o grupo dos brincantes com pijamas chamou a atenção dos escolares que se encantaram (alguns pediam para entrar no grupo). Em poucos minutos já tínhamos um séquito atrás de nós. Quando iniciamos o coral, pude mostrar o jogo da regência àqueles que nos seguiam. Eles entenderam o jogo e formaram um segundo coro. Depois de iniciado o jogo musical entre universitários e secundaristas, um tumulto começou a se formar pela gritaria da monitora. Continuei o que havia planejado, mas fui literalmente empurrada pela moça, que em desequilíbrio quase insano, tentou chamar a atenção dos escolares, por meio da força física, que, em uníssono, retrucavam: “Você é uma chata, queremos ver o que eles estão fazendo”.

Achei engraçado tudo aquilo, quase surreal, pois a monitora, obcecada em cumprir sua programação, não percebeu que éramos parceiras, que eu também era arte-educadora e que poderíamos compartilhar uma reflexão sobre todos aqueles objetos em conjunto. Sem me alongar na confusão, concordei que o segurança – que também fez par com a monitora desvairada – nos conduzisse até a porta de saída. Fomos empurrados e expulsos dali como malfeitores, enquanto os escolares batiam palmas. Constatei que ali não era um lugar público, mas uma propriedade particular mantida também por verbas públicas. A violência se performatiza ali, onde jamais imaginaríamos que pudesse acontecer entre educadoras.

Já conhecendo um pouco dos lugares vigiados pelo poder panótico do entorno do Instituto de Artes, a segunda ação se deu com uma intervenção urbana intitulada *Troque Banana por Sampa*, realizada com os estudantes do primeiro ano de 2011.

No trajeto realizado, rodeamos a estação de trem (um espaço com vigilância quase nula onde encontramos moradores de rua e transeuntes comuns), depois entramos no saguão do Metrô (onde fomos interpelados e censurados pelo policiamento) até chegar a um ponto de táxi, em frente ao portão principal do Memorial da América Latina.

Acompanhados dos parceiros do Coletivo Mapa Xilográfico (que ministraram um *workshop* sobre derivas e intervenções urbanas para nós), realizamos um mergulho nos arredores.

Cientes de que a região da Barra Funda entrou na história da cidade de São Paulo como o berço do samba, cientes ainda de que existiu o Largo da Banana, onde muitos sambas foram compostos, mas desconhecendo o lugar exato de tal “Largo”, pensamos em uma ação para descobrir, com a população, o tal lugar.

A Intervenção constituía de uma troca inusitada: saíamos com instrumentos musicais, mesas e cadeiras, caixotes de bananas na cabeça, doces de banana e uma garrafa de pinga 51. Quando conseguíamos uma boa possibilidade de troca com pessoas, parávamos, armávamos a mesinha de bar com guloseimas e convidávamos os transeuntes a cantar um samba (acompanhávamos com os instrumentos e com o canto, quando sabíamos a música) e, em troca, oferecíamos bananas, doce de banana ou pinga.

Poucos foram os transeuntes que deram notícias do Largo da Banana, que começou a virar uma lenda entre nós. Mas muitos foram aqueles que cantaram conosco, levando banana ou doce de banana pelo caminho. Lembro-me de um rapaz que desejou tocar pandeiro; lembro-me de outro senhor que carregava uma sanfona e cantou algumas serestas para nós. Temos gravado o encontro com dois emboladores. Outro morador de rua que cantou sambas que eu nunca tinha ouvido antes (dizia ele que era dos anos 1930). Ainda outro morador de rua que cantou para nós, contou parte de sua vida e nos quis ensinar coisas que sabia. Encontramos, entre os taxistas que moraram na redondeza quando crianças, os que conheciam o Largo da Banana. Foi uma folia quando soubemos que o Largo realmente havia existido.

A intervenção funcionou como um espaço de expressão, de encontros e de trocas entre desconhecidos, entre classes sociais, entre culturas. Terminamos nossa intervenção no portão de entrada principal do Memorial, intitulado por nós como o “Mausoléu do Samba”.

Descobrimos que o Largo da Banana está soterrado em parte pelo concreto do calçamento árido no Memorial da América Latina e em parte pelo viaduto da Avenida Pacaembu. Voltamos à Unesp cansados e cheios de vida. Para mim, juntando a experiência de 2010 e a de 2011, já posso perceber a violência que a cultura do bairro, patrimônio imaterial para muitos, está sendo violentamente desapropriada, dando lugar à corrida do ouro imobiliário.

Nesse ano de 2012, nossos olhos se voltam para dentro do prédio do Instituto de Artes com suas cores cinzentas lembrando a disciplina de

quartéis, com suas novas normas de funcionamento, com sua acústica irritante, tudo tem esfriado nossas relações com os funcionários; tudo tem nos desapropriado dos corredores, das escadas, do refeitório, das sessões burocráticas, lugares de pessoas que, antes, sempre foram parceiros de acolhimento das nossas ações poéticas, mesmo que ainda em germinação. Até mesmo as salas de aula, antes espaços de alegres intervenções, têm se tornado lugares receosos para nós. Professores com lábios retesados, olhos em fúrias, cabeças quase sempre cabisbaixas têm sombreado possibilidades de afetos. Clima que não é um problema do Instituto de Artes, mas de um cotidiano que produz sujeitos à beira de um ataque de nervos. Do outro lado, os estudantes se armam com cartas desqualificando professores, funcionários e o curso. E assim continuamos a guerra.

Em nossa percepção hoje, o fora (a rua, o espaço público) e o dentro (parte interna do prédio, o espaço privado) parecem transformar-se em “o mesmo”. Queremos performar o outro; gritamos pelo outro, pois, como afirmei, sem o olhar do estrangeiro não estamos conseguindo sair das malhas do discurso do controle disciplinar.

Crítérios de avaliação

129

Como se pode perceber, não consigo mais dividir tema de forma; teoria de prática; vida de arte; arte de educação. Sem dúvida, estou perdendo algo (por exemplo, as metodologias para a formação do ator), mas, para esse momento histórico, momento em que adoeço pela ausência de afeto no ambiente de trabalho, por falta de pertencimento, com medo de esquecer como criar e manter a amizade. Enfim, por necessidade, volto-me para as práticas artísticas contemporâneas que aproximam radicalmente o ato artístico do ato de vida, dois termos cunhados de Renato Cohen. “O *performer* é sujeito e objeto de sua obra, ao contrário do ator que objetiva a cena teatral” (COHEN, 1992: 231). O desejo utópico que carrego comigo todos os dias quando entro para dar aulas de jogos é levar a mim e aos estudantes à compreensão de que a “obra” que vale a pena a ser criada é o afeto enquanto estamos juntos.

Referências bibliográficas

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- COHEN, Renato. Do teatro à performance: aspectos da significação da cena. In: SILVA, Armando Sérgio da (Org.) *Diálogos sobre o teatro*. São Paulo: Edusp, 1992.
- FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso (Orgs.). *Cartografia do ensino do teatro*. Uberlândia: Edufu, 2009.

Sites

- Coletivo Mapa Xilográfico. Disponível em: <<http://mapaxilografico.blogspot.com.br/>>. História dos bairros paulistanos – Barra Funda. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/bairros_barra_funda.htm>.
- Série História dos bairros de São Paulo – Barra Funda (Volume 29). Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/hb_barra_funda_1285344976.pdf>.